

Espaços de aprendizagem e colaboração

AUTORA MARY GRACE PEREIRA ANDRIOLI

Neste texto discutiremos sobre os diferentes espaços de aprendizagem no ambiente escolar para além da sala de aula, bem como a importância do entorno: praças, parques, espaços culturais ou mesmo espaços não pensados para a educação, mas que podem ter potencial educativo e podem contribuir com a educação híbrida em uma perspectiva inclusiva.

Espaços de aprendizagem e território educativo

A educação híbrida pode acontecer em diferentes espaços dentro e fora da sala de aula. Além disso, não precisa ocorrer apenas dentro da escola, uma vez que há diferentes espaços com potencial educativo que podem ser localizados, transformados ou mesmo construídos com a comunidade.

Vimos ao longo desta trilha a importância do professor como mediador do conhecimento e do protagonismo dos estudantes, e o quanto é importante pensar práticas personalizadas e mais adequadas às necessidades de todos. Tais princípios da educação híbrida, bem como a combinação de estratégias digitais com momentos off-line, podem ser ainda mais relevantes neste contexto atual e pós-pandemia.

O distanciamento social motivou muitas modificações nos processos educativos e durante um tempo precisamos ficar em casa, ressignificando este espaço no momento em que o ambiente físico da escola não podia ser utilizado. Ao retornarmos, mais do que nunca há necessidade de ocupar espaços ao ar livre, uma vez que além de garantir maior segurança e atenção aos protocolos, tais espaços podem potencializar a aprendizagem, a relação da comunidade com o bairro e até mesmo com a cidade, tornando tais espaços mais humanizados, seguros e inclusivos (XIMENES et al; 2020).

Saiba mais

Leia o artigo a respeito da **importância dos espaços públicos e áreas verdes no contexto pós-pandemia**.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/172291> .

Assim, se antes da pandemia já se discutia e havia inúmeras experiências exitosas de educação na perspectiva integral em comunidades de aprendizagem que já extrapolavam ou até mesmo foram capazes de "derrubar" os muros da escola (VISCAINO, 2018), neste momento construir com a comunidade e para a comunidade espaços de aprendizagem, cooperação e compartilhamentos de aprendizagens possui sentido e significado ainda maiores.

A construção coletiva destes espaços pode ser realizada por meio de dispositivos pedagógicos planejados para valorizar a cooperação entre os diferentes atores da comunidade escolar. Não se trata de pensar espaços simplesmente para nele desenvolver atividades, mas sim de considerar este processo de cocriação como parte importante da proposta pedagógica como um todo.

Uma inspiração interessante para planejar espaços educativos junto à Comunidade pode ser a leitura do [Guia de Aprendizagem ao Ar Livre](#), desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Jundiaí em parceria com o Instituto Alana. Neste guia foram analisados espaços com potencial educativo, a necessidade de sombra para o desenvolvimento de atividades confortáveis e foram previstos recursos simples para modificação do ambiente de modo que pudessem ser utilizados para desenvolvimento das atividades junto aos estudantes. A ideia de uso dos espaços ao ar livre também surgiu no retorno às aulas de forma mais segura no contexto da pandemia Covid-19, porém com uma preocupação pedagógica em favorecer experiências ricas de aprendizagem e interação para todos os estudantes.

Saiba mais

Neste TED Talk procure observar na história de 18 anos da EMEF Presidente Campos Salles o significado que teve a remoção do muro que separava a escola da comunidade e também de algumas paredes internas. Que aproximações a escola passou a ter com a sua comunidade? Qual impacto desta ação no Projeto Político Pedagógico da escola? Como podemos eliminar este tipo de barreira dentro de nossas escolas, mesmo que não seja possível a retirada física de muros ou paredes?

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xkdtqeSX6VU>

Tal como visto no vídeo sobre a história da EMEF Presidente Campos Salles, toda a proposta pedagógica da escola pode ser desenvolvida sem a necessidade de paredes e seriação. Da mesma forma, os diferentes espaços fora da sala de aula podem ser muito bem utilizados na proposta de educação híbrida.

Além de pensar os espaços, é preciso também planejar práticas pedagógicas, por meio de aulas, sequências didáticas ou mesmo projetos que possam ser desenvolvidos nestes espaços. Nesse momento vale retomarmos os princípios que debatemos por aqui sobre educação integral, educação híbrida, aprendizagem criativa e a importância de desenvolver parcerias que envolvam a escola e comunidade no entorno.

Podemos ainda contar com as tecnologias digitais como aliadas neste processo, principalmente as tecnologias móveis como tablets e celulares. Não é necessário que todos tenham um dispositivo à mão, pois na maior parte das vezes, os estudantes podem estar organizados em equipes, com papéis e responsabilidades diferenciadas. Dessa forma, as atividades podem ser desenvolvidas por meio de diferentes formas de organização.

A organização dos espaços pedagógicos deve contemplar os pilares da educação híbrida já vistos ao longo desta trilha, por meio da criação de **ambiente de aprendizagem flexível**, em que o professor organiza cronogramas e atividades ajustadas ao ritmo dos estudantes e da turma; deve promover uma **cultura de aprendizagem** em um ambiente rico, com

atividades mão na massa e também oportunidades de autorreflexão; deve prever conteúdos intencionais compartilhados em momentos on-line ou nos diferentes espaços para além da sala de aula e, por fim, o **educador tem um papel fundamental**, atuando profissionalmente no processo de mediação, acompanhamento e devolutivas aos estudantes para que consigam progredir em suas aprendizagens.

Modelos de Educação híbrida	Inspirações para realização da proposta nos diferentes espaços educativos
<p>Rotação por estações</p> <p>Estudantes circulam entre as estações (equivalentes aos espaços organizados) de aprendizagem em um horário fixo. Há várias possibilidades de organização, sendo uma delas a criação de uma estação em que o professor lidera as orientações, acompanhamento ou revisão de um conteúdo ou prática, na(s) outra(s) estudantes podem desenvolver atividades colaborativas e em outros espaços. Os estudantes podem ainda desenvolver atividades on-line. Em geral, a rotação por estações costuma acontecer dentro de uma mesma sala. É necessário lembrar a importância do planejamento de cada estação. O recomendado é que sejam propostas 3 delas, sendo que uma será colaborativa, outra on-line e a terceira, que deverá contar com a presença do professor. A forma como os agrupamentos serão feitos também é muito importante.</p>	<p>As estações podem ser organizadas em outros espaços dentro da escola ou entorno. Nesse caso, poderia ocorrer em uma grande área ao ar livre, pátio, quadra ou mesmo em uma sala maior com espaço mais adequado. Um grupo pode estar em uma área com acesso às tecnologias (fixas ou móveis), outro pode estar em um espaço próximo ao docente para receber orientações mais específicas e outro grupo poderia atuar em atividades práticas/mão na massa ou roda de debates. Todos devem ter um roteiro com a proposta, participar de um grupo que tenha sido previamente organizado pelo docente e, em momentos pré-determinados, devem circular entre os outros espaços.</p>
<p>Rotação por laboratórios</p>	<p>Cada espaço da escola pode ser um</p>

<p>Neste modelo, também de modo semelhante à rotação por estações, os estudantes circulam em horários específicos entre os diferentes laboratórios que contam com professores ou mesmo um assistente em cada um deles.</p>	<p>laboratório, dependendo do projeto ou proposta de aula. Um grupo pode participar de atividades na cozinha (onde é possível fazer experimentos em culinária, ciências e tantas outras atividades), outro em uma área verde com horta ou inclusive planejando uma horta. Parte dos/das estudantes podem atuar em uma investigação externa, outro grupo em uma biblioteca ou cantinho com livros específicos e, por fim, um pequeno grupo pode desenvolver atividades com tecnologias digitais e/ou mão na massa em um espaço maker, ou simplesmente em um espaço para desenvolvimento de projetos criativos. É importante que cada um desses espaços conte com um educador que esteja ciente da proposta a ser desenvolvida.</p> <p>Imagine, por exemplo, uma aula de arte e tecnologias em que um grupo faz pesquisa sobre corantes naturais, outro desenvolve experimentos na cozinha, outro realiza leituras a respeito das possibilidades e acessa obras de arte inspiradoras e, por fim, em uma das estações, desenvolvem produções artísticas e realizam um registro fotográfico com suas descobertas. Esta rotação também pode ter continuidade em casa, de modo que as crianças percebam que a própria casa é um laboratório. Outros profissionais da escola podem apoiar estas atividades e orientação aos estudantes.</p>
<p>Rotação Individual</p> <p>Modelo semelhante ao anterior, porém neste formato os estudantes transitam pelas estações em horários individuais</p>	<p>As mesmas sugestões anteriores podem ser utilizadas. O professor avalia se é necessário que todos passem por todos os espaços organizados no ambiente educativo ou se preferirá orientar grupos em horários distintos, contando com apoio</p>

<p>definidos pelo professor. Não é necessário que todos passem por todas as estações, eles podem realizar atividades programadas em uma lista de tarefas, por exemplo.</p>	<p>de mais educadores. Este modelo prioriza o ritmo de cada estudante para definir quando ele mudará de estação. Pode ser que para alguns seja mais interessante ou necessário um tempo maior e diferenciado em cada um dos espaços organizados para aprendizagem. Exemplo: um espaço com jogos de alfabetização, games com foco em alguma habilidade específica, um cantinho de leitura ou biblioteca com materiais selecionados etc.</p>
<p style="text-align: center;">Sala de aula invertida</p> <p>Neste modelo os estudantes devem ter contato com novos materiais ou novos conteúdos em casa, e na sala de aula as práticas devem ser baseadas na interação e em experiências ativas por parte dos estudantes.</p>	<p>Com base nesta proposta os diferentes espaços da escola, principalmente os mais aconchegantes e que mais propiciam a interação, o compartilhamento de conhecimentos e a aprendizagem ativa, podem ser utilizados de modo que a vivência presencial faça toda a diferença. Em casa os estudantes podem dedicar-se à compreensão de conteúdos on-line a partir das orientações feitas pelo professor. Nada impede também que os estudantes façam experimentos e registrem on-line, novamente usando a ideia da casa como um laboratório em que é possível observar fenômenos, entrevistar pessoas, dentre outras atividades.</p>

*Confira as definições completas no texto da Professora Graziella Matarazzo **Modelos de ensino híbrido**.*

Estes são apenas alguns exemplos para inspirar sua prática na educação híbrida. Há ainda outros modelos que possivelmente você já tenha visto e em todos eles é possível prever e organizar de forma criativa e atraente os diferentes espaços dentro da escola e até mesmo em seu entorno. Além disso, pode valer muito a pena envolver outros educadores, funcionários da escola e membros da comunidade como mediadores nestes diferentes espaços, favorecendo a aprendizagem dos estudantes e de modo a contribuir para que percebam a sua escola e território como um espaço muito rico e propício para o desenvolvimento de todos.

A área de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva contempla estratégias diversas de colaboração entre docentes, prevista em nossos documentos legais (BRASIL, 2001; 2008), em que o professor especialista em educação especial deve “[...] trabalhar em equipe, assistindo o professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais” (BRASIL, 2001, p. 5). O mesmo ocorre no caso do professor comum que é orientado a trabalhar em equipe com os professores especializados em educação especial.

Essa proposta é conhecida por ensino colaborativo, e prevê a parceria entre os professores da educação especial e do ensino comum, dividindo responsabilidades relacionadas ao planejamento, avaliação e mesmo à realização das aulas, no mesmo período em que os alunos são atendidos no ensino regular, sem tirá-los da classe comum.

Note o quanto algumas propostas sistematizadas no quadro a seguir são semelhantes à abordagem do ensino híbrido, como temos visto até aqui:

Um professor como suporte	O professor da Educação Comum e o educador especial atuam juntos em sala de aula, mas um apresenta as instruções, enquanto o outro providencia o apoio aos estudantes. Pode ser feito o rodízio trocando os papéis.
Estações de ensino	Como se fossem “os cantinhos da atividade”, significa que a sala será dividida em grupos que passarão pelas diversas partes da atividade, sendo que em cada uma delas os professores se dividirão para explicar aos alunos o que deverá ser feito. Então, os grupos se alternam de local e os professores repetem as informações para novos grupos de alunos.
Ensino paralelo	A instrução é planejada de forma articulada, mas cada professor fica com 50% do grupo de alunos.
Ensino alternativo	Um professor apresenta instruções para um grande grupo de alunos, enquanto o outro interage com um grupo menor.
Equipe de ensino	Ensino cooperativo (ensino interativo). Cada professor dá igualmente suas instruções. Exemplo: O professor passa instruções de Matemática e o co-professor ilustra com os exemplos.

Fonte: quadro elaborado por vera Lúcia Messias Fialho Capellini, disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro9.pdf>

Assim, a proposta de ensino colaborativo, também conhecida como bidocência ou coensino, pode contribuir bastante com a educação híbrida em prol de uma educação mais inclusiva.

Nessa perspectiva, a colaboração ocorre entre parceiros equivalentes, que estão em situação de trabalho semelhante, engajados a partir de desafios e objetivos em comum, compartilhando responsabilidades e recursos e que necessitam tomar decisões para resolução de problemas.

A partir das propostas apresentadas aqui, é possível pensar em parceiros que poderiam planejar e implementar propostas de atividades inspiradas no ensino híbrido nos diferentes espaços de sua escola ou mesmo do entorno? Há estudantes com necessidades específicas que poderiam ser beneficiados? De que maneira?

Para mais inspirações sobre possibilidades de discussão e construção de propostas relacionadas aos espaços educativos, indicamos a seguir os seguintes materiais. Você não precisa acessar todos agora, anote os que considerar mais importantes ou guarde para consultas posteriores.

Inspiração

A cidade como território educativo: <https://criancaenatureza.org.br/entrevistas/cidade-como-territorio-educativo/>

Guia do espaço público: <http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espa%C3%A7o-P%C3%BAblico1.pdf>

Acervo Criança e Natureza: <https://criancaenatureza.org.br/acervo/20834/>

Explore fora da sala de aula: tópicos e inspiração de aulas para todas as idades:
https://diadeaprenderbrincando.org.br/wp-content/uploads/sites/6/2016/09/160428_PROJECTDIRT_OCD_BOOK3_EXPLORE_A5_Brazil.pdf

Horta escolar: uma sala de aula ao ar livre:
<https://criancaenatureza.org.br/acervo/horta-escolar-uma-sala-de-aula-ao-ar-livre/>

Caderno 9 do material Práticas em educação especial e inclusiva
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41616/12/caderno%209.pdf>

Referências

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. (orgs). Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. São Paulo: Penso, 2015.

COLL, Cesar, MAURI, Teresa, ONRUBIA, Javier. A incorporação das tecnologias de informação e da comunicação na educação. In: COLL, César; MONEREO, Carles. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. Tradução: Naila Freitas.

CRIANÇA E NATUREZA. Guia de Aprendizagem ao ar livre. Disponível em: <
https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2021/02/GUIA_APRENDIZAGEM_AR_LIVRE.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2021.

NIELSEN, Giselle Arteiro (Org.). Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância: territórios educativos em ação. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2019. Disponível em:
https://www.proarq.fau.ufrj.br/public/editor/LIVROS%20ED%20PROARQ/Livro%20TERRITORIOS%20EDUCATIVOS%20EM%20A%C3%87%C3%83O_versao%20final.pdf

MATARAZZO, Graziella. Modelos de Aprendizagem híbrida. Material produzido para o projeto: Conectividade, Cultura Digital e Educação Híbrida, desenvolvido pela Casa da Árvore. 2021.